

# VIAJAR É PRECISO

Rússia, Lago Baikal, em Listvyanka

O publicitário gaúcho Zizo Asnis, editor-chefe e idealizador dos guias **O Viajante**, tem uma bagagem repleta de histórias e experiências vividas ao redor do planeta. Sua inventividade e um olhar acurado sobre o mundo foram capazes de aliar a paixão por viajar ao trabalho. Zizo conversou com a Revista Onne & Only sobre seus 30 anos na estrada e sua trajetória à frente da publicação de compêndios de viagem, desde 1999.

## Viajantes no histórico familiar? Como se deu esta opção?

Considerando que sou neto de imigrantes russos, posso dizer que já vim ao mundo com o DNA viajante. Só lamento, quando criança, não ter dado muita atenção às histórias de minha avó sobre a longa viagem de navio que fizera, da Europa para o Brasil, ou do meu tio-avô, sobre ser um soldado bolchevique. Causos familiares à parte, fui me tornando viajante aos poucos. Criança, viajando com meus pais ao Uruguai; adolescente, com amigos a Santa Catarina. A graduação veio em 1989, aos 21 anos, ao mochilar sozinho por um ano na Europa, sedento por descobrir o que o mundo pré-internet reservava apenas aos desbravadores.

## Pergunta clássica, o que não pode faltar na bagagem?

Resposta mais clássica ainda: um guia de viagens ;-). Certo, sou meio suspeito pra falar, mas realmente não viajo sem um guia, às vezes até dois. E chocolates.

## Tirar fotos, ou trazer lembranças somente na memória?

Já encontrei viajantes que diziam isso "não fotografo, guardo na memória". É uma resposta hiper mega cult. Mas não é a minha. Fotografo, não como um japonês enlouquecido, mas fotografo. E continuo com um espaço inesgotável de lembranças na memória.

## Qual o destino que escolherias como o mais mais? Por quê?

Resposta muito, muito difícil. Mas vou dizer um país e uma cidade. Tailândia. Por oferecer doses de aventura, boa gastronomia, povo simpático e praias espetaculares, tudo isso sob um manto de exotismo e preços amigáveis. E Londres. Por ser a melhor cidade do mundo, combinando boa urbanização, segurança pública eficiente, transportes que funcionam e infinitas opções de lazer. Enfim, uma cidade que respeita seus cidadãos.



## Difícil eleger, mas qual a culinária mais apreciada? Por quê?

Sim, realmente difícil. Vou escolher a mencionada tailandesa. Pelo sabor; pela variedade, pela leveza, pelo tempero, pelos preços (na Tailândia, claro), com o bônus de poder usufruir tudo isso na areia de uma praia paradisíaca.

## Situação mais saia justa passada?

Passei por várias! Como quando trabalhei de garçom em Londres, e, inexperiente, começar a suar com o vapor das batatas que servia... Saia justa não o suficiente, os pingos de suor caíam em cima das batatas no meio do serviço!

## Situação mais gratificante passada?

Para mim, nada é mais gratificante do que alguém comentar que meu guia lhe ajudou na viagem ou graças ao que escrevi o cara visitou um lugar que adorou.

## Anos de Frommers, Michelin e Katia Zero, o que O Viajante propõe de alternativo?

O olhar brasileiro compartilhado por quem viaja há 30 anos e já passou por muitas roubadas e, mais ainda, por milhares de barbadas e experiências ótimas. E a linguagem: o leitor sente que o guia conversa com ele, é um parceiro viajante.

## Blogs, sites, por que um guia de viagem?

Poderia dizer que o guia não precisa de energia elétrica, bateria, 3G... Mas respondo apenas que o livro nunca morre.

## Como atualizar um guia de viagem?

Da melhor: maneira possível, viajando.



Culinária Tailandesa



Tailândia, beira da praia em Ko Samui



Tailândia, Bangkok



Tailândia, Krabi

Argentina, Glaciar Perito Moreno

**“Selos” de credenciação, qual a importância hoje em dia?**

Tipo “3 estrelas Michelin”? É válido, é um referencial feito por gente que trabalha na área. Mas tal como uma crítica de cinema, cada um deve assistir ao filme e tirar suas próprias conclusões.

**Seguro de viagem, uma necessidade?**

É bem útil, vale fazer.

**Família e relacionamentos, como aliar?**

Sabendo que todos estão bem e que todos estão indo atrás de suas realizações.

**Quanto tempo para fazer uma bagagem? O que levar em consideração?**

Faço a mala na véspera. Acho a parte mais chata da viagem (talvez não, pensando bem, desfazer a mala é mais chato ainda...), por isso não demoro muito e faço enquanto vejo TV, escuto música. Deve-se levar em consideração a época do ano (e que existe veranico no inverno e vice-versa), as atividades que for fazer (festas, esportes, caminhadas). E o mais importante: não sobrecarregar sua bagagem, lembrando que malas e mochilas não são uma versão mini do seu armário.

**Qual o seu maior predicado?**

Criatividade.

**Qual o destino que ainda tem vontade de conhecer?**

Ruanda.

**Para onde iria todos os anos? Por quê?**

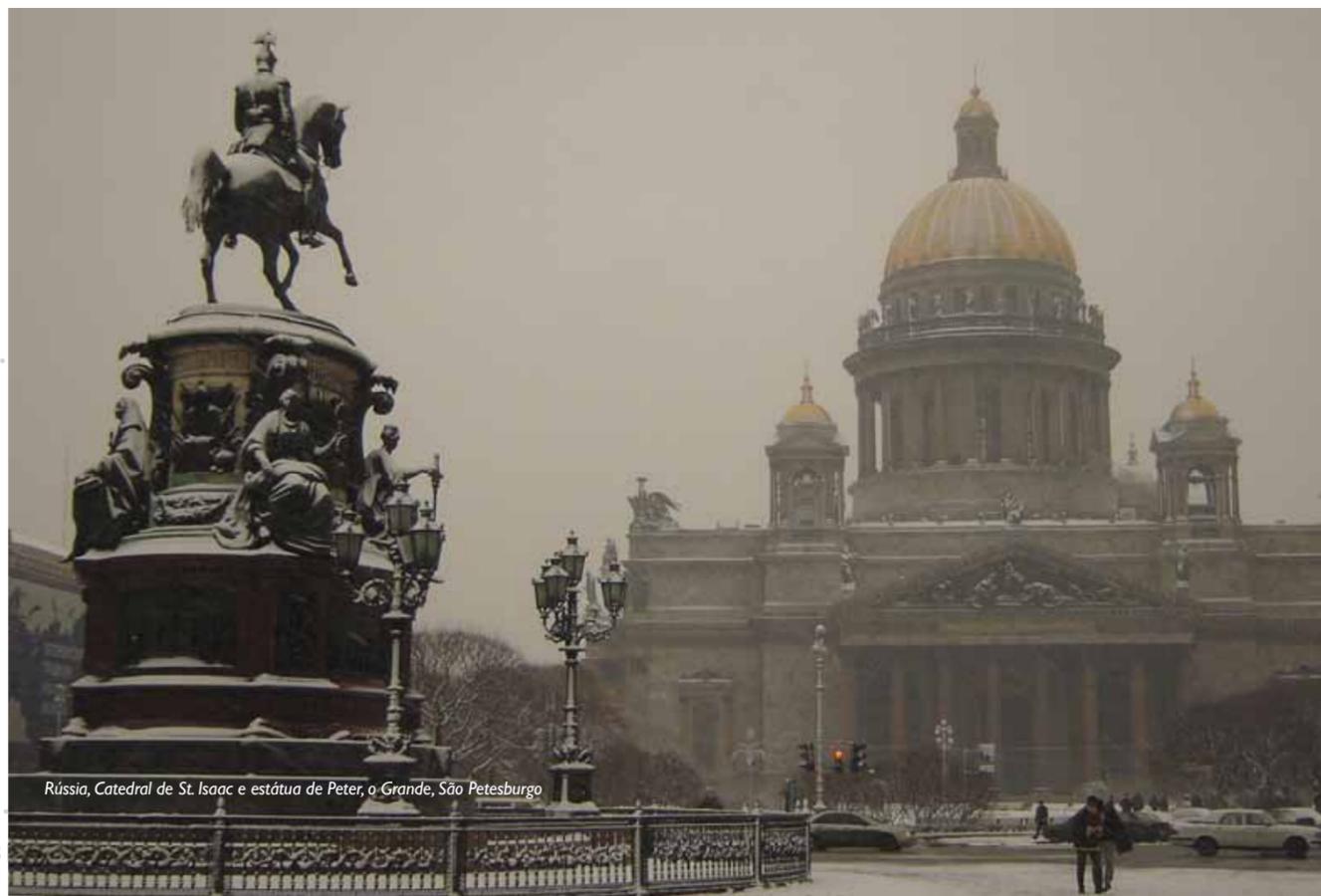
Londres. Porque é a cidade mais bacana do planeta. Nunca cansa. Sempre oferece algo de novo. E porque posso sair à noite sem me preocupar com direção ou lei seca e voltar para casa a qualquer hora num transporte público com segurança.



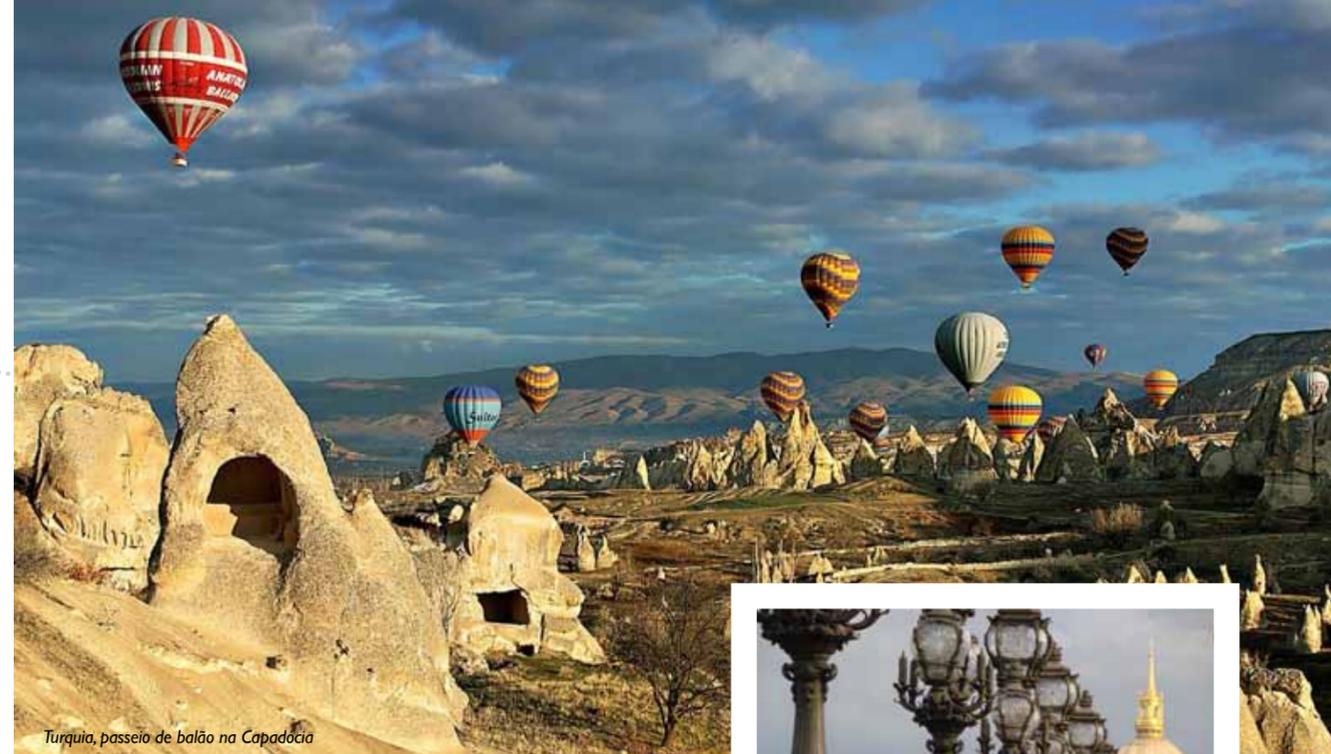
Perú, Cânion de Colca



República Tcheca, Charles Bridge, em Praga



Rússia, Catedral de St. Isaac e estátua de Peter, o Grande, São Petesburgo



Turquia, passeio de balão na Capadócia



França, Pont Alexandre III e Hôtel des Invalides, em Paris



Equador, tartarugas gigantes em Galápagos



Inglaterra, seguindo viagem mesmo com o pé quebrado.

**Para onde não voltaria? Por quê?**

Não tem lugar algum que eu não voltaria. Mesmo aqueles que eu não curti tanto merecem um novo olhar, uma segunda experiência.

**O mercado do turismo ainda tem espaço?**

**Dicas para os audazes.**

É, tá ficando complicado, mas sim, ainda tem espaço. Afinal, viajar, escapar do seu dia a dia e conhecer lugares novos é uma indispensável renovação da vida. Para os audazes, viajem, observem, agucem seus sentidos e voltem com uma ideia que ainda é pouco ou mal explorada por aqui.

**Situações mais inusitadas ocorridas.**

Sou assíduo em situações inusitadas. Viajar por todo ano de 1989 foi surpreendente! Eu tinha 21 anos, sabia muito pouco do mundo (não precisamos lembrar que não havia internet na época) e foi uma experiência excepcional percorrer a Europa, e o leste europeu em particular, no ano em que caía o Muro de Berlim e se abria a Cortina de Ferro. Entre outubro, novembro e dezembro deste ano estava em países como Hungria, Iugoslávia (que nem existe mais) e Romênia, e pude testemunhar in loco como viviam os cidadãos do mundo comunista da época, com direito de ser confundido como um agente da Securitate, a polícia secreta romena. Tudo porque, então um jovem curioso, eu fazia muitas perguntas às pessoas que conhecia. Quinze anos depois, em dezembro de 2004, o comunismo já estava morto e enterrado – mas não os seus vícios metódicos, ao menos na Rússia. Eu estava saindo do país por uma fronteira pouco usual, junto à Finlândia, quando os oficiais locais, desconfiados do meu passaporte brasileiro, me tiraram do trem, me levaram para uma salinha para me interrogar e, não satisfeitos, me jogaram numa prisão do melhor estilo soviético. Foi apenas uma noite, o suficiente para eu não aconselhar uma prisão russa, ainda mais no inverno. Outras: quebrar o pé ao chegar na França, no início de uma viagem de 90 dias; ser mordido por um cachorro na Tailândia e ter que tomar vacinas na China; trancar uma velhinha húngara fora de sua própria casa ao passar a chave de forma indevida; ficar doente na Índia e ter meus remédios roubados por macacos; passar por um terremoto no Peru; mergulhar em Galápagos e perceber um tubarão logo abaixo de mim... São tantas que acabo me esquecendo...